

Diferentes religiões¹

Miguelângelo Corteze², Elisa Pilotto³

RESUMO

O projeto de extensão “Diferentes Religiões” do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) *Campus* Erechim foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo de Erechim com duas turmas do ensino fundamental. Coordenado pelos professores do IFRS Miguelângelo Corteze e Giovane Rodrigues Jardim contou com a contribuição da professora de História Elisa Pilotto e sua pesquisa regional sobre as religiões de Matriz Afro-Brasileiras. O objetivo principal foi garantir mais espaço no currículo para a história Afro-Brasileira, atendendo assim as Leis nº 10.639/03 e 11.645/08. Partiu-se de uma conversa para analisar as possibilidades de superar preconceitos e racismos religiosos materializados na intolerância, através da metodologia utilizada de uma pesquisa em grupo. Os resultados, mesmo preliminares, já apareceram tanto no processo inicial, como na apresentação final em forma de seminário na própria escola e em eventos científicos.

Palavras-chave: Educação básica. Religiões de Matriz Afro-Brasileiras. História.

Relato de experiência do projeto de extensão “Diferentes religiões”

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) *Campus* Erechim através da Coordenadoria de Extensão aprovou a execução do Projeto de Extensão “Diferentes Religiões” no ano de 2019. A Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) Érico Veríssimo de Erechim aceitou a proposta que foi apresentada para ser desenvolvida com os estudantes do nono ano do ensino fundamental.

O projeto tem como objetivo principal garantir mais espaço no currículo para a história Afro-Brasileira, atendendo assim as Leis nº 10.639/03 e 11.645/08. Essa norma legal, além de servir como referência, provocou o desenvolvimento desse projeto, afinal, sem um material específico de ações que contemplem essa temática na prática, as determinações das leis acabam ficando muito mais no papel e pouco na vida dos estudantes, que podem, muitas vezes devido ao processo de intimidação, ameaça, preconceito ou intolerância, não reconhecer sua identidade como negro, preto ou pardo e muito menos as religiões de Matriz Afro-Brasileiras. Garantir um espaço no currículo para tratar

¹ Projeto de extensão: “Diferentes Religiões”, protocolo SIGProj Nº 323517.1811.326999.27022019.

² Mestre em Educação nas Ciências, Docente em História do *Campus* Erechim do IFRS. miguelangelo.corteze@erechim.ifrs.edu.br

³ Licenciada em História pela Universidade Federal Fronteira Sul. Professora voluntária no Projeto de Extensão “Diferentes Religiões” do *Campus* Erechim do IFRS. elisapilotto.1981@gmail.com

desse tema também está sustentado pelo que define a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, segundo o portal do Ministério da Educação, sobre o ensino religioso:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Como forma de ocupar esse espaço foi proposto promover a iniciação à pesquisa no ensino fundamental, especialmente no 9º ano, como elemento integrador da aprendizagem. Desta forma estamos promovendo também a autonomia e a emancipação dos estudantes.

No primeiro o momento o projeto foi levado à Escola, onde foi apresentado sua importância e seu objeto, como forma de identificar a possibilidade de desenvolver naquele local. Posteriormente teve início um trabalho com os professores de Ensino Religioso, História, Geografia, a Coordenação Pedagógica e a Direção da Escola sobre os componentes, o currículo e os materiais didáticos disponíveis.

O projeto teve a colaboração da professora de História Elisa Pilotto que atuou como ministrante com sua pesquisa sobre as Religiões de Matriz Afro-Brasileiras e mapeamento das comunidades de terreiros na cidade de Erechim, concluída em 2019, na Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) Campus Erechim.

Foi no segundo trimestre de 2019 que a ação com os estudantes começou. Através de um encontro os estudantes entraram em contato com a temática apresentada pela professora que, além de desenvolver na teoria, trouxe os elementos mais importantes da simbologia espiritual e material das religiões de Matriz Afro-Brasileiras de Erechim e do Brasil.

Os elementos abordados foram fundamentais para criar um ambiente favorável à interação, sintonia e experiências sobre Candomblé e Umbanda. A participação da professora também como integrante do Movimento Étnico Cultural dos Negros de Erechim (MENE) deu ainda mais legitimidade e provocou desconforto sobre questões como a intolerância religiosa e do sincretismo até onde a turma se localizava.

Numa das turmas, por exemplo, quatro estudantes se autodeclararam de religiões afro-brasileiras, dezessete cristãos, evangélicos ou católicos (mas não muito) e dois ateus. Enquanto o tema era aprofundado um aluno questionou: 'Por que estudar isso?'

Questões assim, simples, mas ao mesmo tempo complexas, foram dialogadas de forma aberta e dinâmica na perspectiva de conhecer para evitar a intolerância. Então vamos dar exemplos de intolerância e saber o que é, afirmou a professora. Vivemos num país laico, isto é, onde a religião é livre e o estado não pode, por força de lei, promover o proselitismo conduzindo, mesmo que indiretamente, o estudo e os valores apenas de um determinado credo. De tal forma que, poderiam ser confundidas as aulas de ensino religioso com a catequese da Igreja Católica, seus símbolos, rituais e dogmas. Em vez disso, as aulas de ensino religioso poderiam servir para estudar e se apropriar da história e da importância das religiões no mundo, no Brasil, no Rio Grande do Sul e, especialmente, na região de Erechim, inclusive da sua negação como possibilidade do ateísmo.

O ambiente parecia tenso, mas os estudantes aumentavam a atenção e isso era bom. Como estudar as religiões que foram subjugadas pelo poder dominante sem essa garantia do Estado Laico, onde a memória e a oralidade dos negros que vieram e conservaram sua cultura assim são também desvalorizados? Como compreender o Espiritismo e a Umbanda que se misturam na religião dos negros e índios com o Catolicismo? Perguntava a professora.

As culturas que formam as brasilidades possuem formas de se relacionar com o mundo espiritual como parte do cotidiano e isso também é importante estudar na escola. Quem pula sete ondinhas na praia? Quem tem em casa plantas como espada de São Jorge? São exemplos do ritual da Macumba. O que mais vocês lembram dessas religiões? Aos poucos os estudantes lembram de penas, velas, doces, bonecos de *Voodoo*, cachaça ou relacionando com obra maligna. A Macumba é obra maligna? Pergunta a professora. Quem faz macumba? No Batuque, por exemplo são doze Orixás, enquanto no Candomblé são trinta e dois. Isto é, são religiões politeístas, pois acreditam em vários deuses.

Entre os estudantes duas haitianas se enxergam neste encontro e sentem-se confortáveis em relatar o *Voodoo*, sua religião. Os colegas ficam impressionados, pois não sabiam dessa informação. Erechim conta atualmente com a presença de muitos haitianos que encontraram aqui lugar recomeçar suas vidas. Em seguida a professora pergunta se eles já viram Macumba ou viram alguém chutar Macumba. Enquanto alguns se olhavam e outros respondiam positivamente a professora afirmava que isso é um ato de desrespeito da fé de quem fez. É um ato de intolerância religiosa e a intolerância não é nada bom para um país multicultural como o Brasil. Um estudante pergunta: “É então possível provar a fé?” A professora responde: “eu não preciso provar a fé, é preciso vivenciá-la, mas respeitando a dos outros”.

Em seguida a sala de aula foi preparada de outra forma com chás, símbolos, perfumes e objetos das religiões de Matriz Afro-Brasileiras. Agora a aula seria mais prática. Todos ficaram de pé em volta dos materiais do Candomblé, do Batuque e do Saravá (Figura 1). Acender a vela se conecta com o sagrado, afirma a professora levantando uma vela. Exu, Ogum – ferro e espada, Oxossi – caça e agricultura, Oxum – deusa das águas doces são alguns Orixás dessas religiões onde não existe diabo, céu ou inferno. Todo o Orixá é bom ou ruim, dependendo do propósito de ser conduzido no caminho do bem. Não existe pecado como nas religiões cristãs. Todos erram e acertam.



↑ **Figura 1.** Materiais do Candomblé, do Batuque e do Saravá. **Fonte:** Próprios autores (2019).

Depois desse encontro inicial, durante as aulas de religião, geografia e história, deu-se início ao desenvolvimento de uma pesquisa em grupos. Por meio de um cronograma, temas sobre as religiões de Matriz Afro-Brasileiras foram escolhidos para serem trabalhados dentro da metodologia da iniciação à pesquisa científica, durante um trimestre, consultando assim fontes, referências e até entrevistas pela história oral, onde muito material se consegue pela memória e a oralidade.

Dessa forma, os grupos entraram na temática pesquisando as religiosidades de Matriz Afro-Brasileiras no município de Erechim, ampliando os questionamentos para todo o Brasil, que conviveu intimamente com as políticas de branqueamento. Políticas que proporcionaram e legitimaram ainda mais a negação de várias culturas, inferiorizando e estigmatizando tudo aquilo que não combinasse com o “padrão branco europeu”. As culturas negras e consequentemente as religiões de Matriz Afro-Brasileiras foram alvos recorrentes de perseguições que permitiram a destruição de símbolos, memórias e identidades. O Ensino de História, a interdisciplinaridade e projetos como esse promovem e ampliam o diálogo entre diferentes saberes. A iniciação à pesquisa de temas desta natureza na Educação Básica permite aos estudantes uma formação mais crítica e abrangente, promovendo o conhecimento baseado no rigor científico e aproximando conceitos importantes como o respeito diante da diversidade cultural.

As religiões afro-brasileiras são o resultado de um longo processo envolvendo a conservação e a transformação da memória coletiva africana no Brasil. Num contexto marcado pela realidade escravocrata, populações negras traficadas como mão de obra trouxeram consigo crenças, rituais, práticas e visões de mundo que foram adaptadas e rearticuladas de acordo com as demandas desta nova realidade social e geográfica imposta (TADVALD, 2016, p. 148).

Foi pensando nesta multiplicidade de saberes culturais, que o ensino da Cultura Afro-Brasileira, através da religiosidade, permitiu inserir esses elementos na prática da pesquisa científica na Educação Básica. O contato com outras fontes históricas promoveu um ambiente escolar mais crítico, contribuindo para a emancipação e o empoderamento desses estudantes colaborando para diminuir a intolerância cultural, étnica e religiosa.

O projeto proporcionou também questionamentos sobre o contato inicial das religiões dos iorubás com o solo brasileiro que aconteceu a partir do período da escravidão. Nelas cada africano que aportou aqui trouxe consigo a sua religiosidade e, mesmo com todas as dificuldades, esse conhecimento sobreviveu ao longo dos anos das mais diversas maneiras.

Assim também ocorreu no município de Erechim onde a marginalização das religiões Afro-Brasileiras ainda é observada através da disposição geográfica dos espaços sagrados; da ausência de estudos pertinentes a história destas religiões, bem como no silenciamento da história do negro (PEREIRA, 2008; SANTOS, 2014). É justamente esta escassez de estudo que faz emergir trabalhos que valorizam a presença negra na cidade.

Os trabalhos oriundos dessa pesquisa foram apresentados na Escola e durante o I Workshop⁴ de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade no *Campus* de Erechim do IFRS. Esse espaço de fala para a experiência dos estudantes foi muito importante. Apresentar a Umbanda e o Candomblé, acompanhados pela professora da turma e uma pesquisadora qualificada, tornou-se inesquecível na construção de fundamentos para combater a intolerância e o racismo religioso. Com isso é possível afirmar que o projeto atingiu os objetivos melhorando a qualidade da educação pública, gratuita e laica.

⁴ <https://ifrs.edu.br/erechim/ocorre-o-i-workshop-de-acoes-afirmativas-inclusivas-e-diversidade-do-campus-erechim/> (26/09/2019).

Conclusão

Esse projeto demonstrou que a pesquisa no ensino fundamental é viável como instrumento pedagógico de iniciação científica, assim como foi utilizado nessas turmas de 9º ano. No resultado foi possível acompanhar na apresentação do relatório e de outros materiais como cartazes e imagens tanto na escola como no I Workshop no *Campus* de Erechim do IFRS.

São momentos que proporcionaram uma experiência educativa única, como se fosse uma aula pública, mas realizada por estudantes do ensino fundamental que, com brilho no olhar, apresentaram e conversaram sobre sua pesquisa com os estudantes e professores de outras escolas públicas do município. Cabe lembrar que o projeto conseguiu também envolver outros componentes além do ensino religioso, como História e Geografia, dando passos importantes na direção da interdisciplinaridade se tornando assim um elemento promotor de emancipação e autonomia dentro da escola pública de Erechim. ■

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 14 fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 14 fev. 2020.

PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, 2008.

SANTOS, Fernanda P. dos. **Esporte Clube Treze de Maio**: associativismo negro em Erechim. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2014.

SENADO FEDERAL. LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 2ª ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

TADVALD, Marcelo. O batuque gaúcho: Notas sobre a história das religiões afro-brasileiras no extremo sul do Brasil. In: DILLMANN, Mauro. **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul**: Matriz afro-brasileira. São Paulo: ANPUH, 2016.